

ÍNDICE

Apresentação 9

PREFÁCIO

Barquinha – Terra de Reconquista e Descobrimentos 11
Fernando Santos Freire

CAPÍTULO I

As Três Tradições Portuguesas (Coabitação e Convivência) 15
Pinharanda Gomes

CAPÍTULO II

Informação – Um Recurso para o Desenvolvimento 23
Margarida Alçada

CAPÍTULO III

Fernando Pessoa e a Ordem do Templo 31
Pedro Teixeira da Mota

CAPÍTULO IV

O Simbolismo das Cores Templárias na Poesia de Camões
e na Festa dos Tabuleiros em Tomar 45
António Telmo

CAPÍTULO V

A Difusão do Culto do Espírito Santo através da
Acção das Ordens do Templo e de Cristo 53
Paula Figueiredo

CAPÍTULO VI

Alguns Aspectos do Pioneerismo da Arte Militar Templária
em Portugal no Século XII 67
Nuno Villamariz Oliveira

CAPÍTULO VII

- O Priorado de Sião e a Ordem do Templo..... 83
Bernardo Sanchez da Motta

CAPÍTULO VIII

- Castelo Branco: A Última Sede Templária em Portugal 125
José Manuel Capélo

CAPÍTULO IX

- A História e o Património das Ordens Militares do Templo
e de Cristo na Região de Tomar..... 157
Ernesto Jana

CAPÍTULO X

- O Esoterismo da Ordem do Templo..... 223
Abdul Cadre

CAPÍTULO XI

- Templários de Novo em Portugal 2007 – Ordo Supremus
Militaris Templi Hierosolimitani (OSMTH) 233
António Andrade

CAPÍTULO XII

- Os Caminhos do Templo 235
José Medeiros

CAPÍTULO XIII

- A Arquitectura Templária de Tomar
– Espaço, Mística e Lenda 249
Álvaro Barbosa

CAPÍTULO XIV

- O Património do Templo na Região de Bragança:
Implicações na Definição da Fronteira com Leão..... 273
António Balcão Vicente

6 – MÍSTICA E LENDA NA FUNDAÇÃO DO CASTELO DE TOMAR

Este símbolo de um conhecimento espiritual patente na figura geométrica do pentagrama, remete-nos inevitavelmente para um aspecto particular da lenda da fundação de Tomar, aspecto que tem a ver com a procura do Conhecimento. O mestre, que de facto, vem ocupar Tomar pela primeira vez não é Gualdim Pais, é Richard (aportuguesado para Ricaldo). Gualdim Pais, de facto, vem a seguir e dá foro aos seus povoadores. À época é Mestre Richard quem povoava Ceras, como diz o inquérito de D. Dinis de 1318. Segundo um depoimento que vem nesse inquérito, ele vem povoar aquela região porque um caçador tinha dito “que era um lugar de povoado antigo e que aí haviam boas águas”. Então os cavaleiros vêm e fazem uma prática de geomância simples. O sítio que lhes foi primeiramente indicado era a zona de Santa Maria do Olival, que não era bom para construir castelos porque era sítio baixo. Como não sabiam exactamente onde é que haviam de povoar, o mestre manda lançar as sortes sobre três dos montes que estavam na outra margem do rio. E por três vezes as sortes caíram no mesmo monte – aquele onde foi depois ereto o castelo de Tomar. Quando se dirigem para o lugar ditado pelas sortes, “surge-lhes no caminho um porco-montês”, (um javali) e logo os soldados se lançam em sua perseguição. O surgimento deste episódio de caça não era só porque o javali era um animal muito bravio, nutritivo: o seu interesse reside no facto de que a caça ao javali ter na Idade Média um significado simbólico particular, que era o da procura dinâmica, iniciática, do Conhecimento espiritual, a caça da Sabedoria. Daí que no relato que é feito em 1318 pelos moradores de Tomar aos notários do rei D. Dinis, quando este quer saber a origem do nome de Tomar e dos bens que os templários aí tinham, há um dos moradores, Domingo Rosado Pais, que depois de ter jurado sobre os santos evangelhos, conta essa lenda. E conta dizendo que, a um dado momento, quando os soldados de D. Richard se lançam na perseguição do porco, cito, “começaram a gritar: Toma-lo, toma-lo! E que, quando o mestre chegou ao sítio onde estava o porco morto, a saber o sítio onde é o Castelo de Tomar, disse: já que aqui tomamos o porco, chamemos a este lugar de *Tomar*. E que depois veio o mestre Gualdim Pais e deu foro aos seus povoadores”. Isto podia parecer uma anedota, mas a sua importância foi tal que a lenda foi celebrada para a posteridade, num dos capitéis da igreja de S. João Batista, refeita no tempo do Infante D. Henrique. A cena da caça ao javali, esculpida em baixo relevo, encontra-se no segundo do lado da epístola, quando entramos na igreja.



7 – O CASTELO DE TOMAR: VILA E CASA MILITAR TEMPLÁRIA

O castelo de Tomar urbanisticamente tem uma particularidade: são duas proeminências ou pólos. Um, a nascente é a casa do Mestre, a Alcáçova com a torre de menagem. O outro, a poente é igreja em rotunda, a Charola que era capela privativa dos Cavaleiros. O interior do castelo é dividido em três recintos. A sul situava-se o recinto mais amplo e também o mais baixo, onde foi a vila de Tomar, portanto o local da primeira povoação; era fechado interiormente por uma longa cortina de muralha, de nascente a poente. O espaço central, que hoje é um jardim, mas que antigamente era um espaço muito mais baixo, era o terreiro do castelo. Depois, entre a igreja e a torre do mestre havia uma outra cortina, menor, que fechava o recinto norte separando-o do terreiro; todo aquele recinto era o paço dos cavaleiros, portanto, a casa militar dos templários. No livro *Leitura Nova da Estremadura*, tomo IV, de D. Manuel I, vê-se numa iluminura como era o castelo de Tomar nos finais do século XV, com a vila dentro de muros, a muralha que a separa do terreiro, uma parte dos Sete Montes; vê-se a fachada da casa templária que nessa altura era o *Convento* da Ordem de Cristo, vê-se a Charola, e pode-se observar como o terreiro era muito mais baixo, em comparação com a altimetria actual do terreiro transformado hodiernamente em jardim. A escadaria medieval que se vê na gravura desapareceu para dar lugar a uma escadaria barroca, nos finais do século XVIII ou princípios do século XIX. No século XVI quando surge o convento renascentista de D. João III, o recinto da vila, – já vazio de habitantes por expropriação de D. Manuel I, – vai ser transformado em hortas conventuais, feitas em socalcos pelos frades da Ordem de Cristo reformada. O laranjal que hoje substitui as hortas do Renascimento, já faz parte de uma recuperação paisagística feita em 1945. O visitante dos nossos dias que deambular por este pomar, não terá dificuldade em descobrir a memória das casas da primitiva vila, testemunhada por entre as pedras dos vãos de portas e janelas dissimulados na alvenaria das muralhas. No patamar inferior do laranjal encontra-se, imponente, a porta da vila mandada entaipar pelo rei venturoso. Todas estas circunstâncias espaciais, construtivas e paisagísticas – com os sete montes, – claramente observáveis hoje em dia contam-nos um pouco como foi a história de Tomar da sua arquitectura, do seu espaço e da sua mística.



8 – O PARADIGMA DO SANTO SEPULCRO E O TEMPLO EM ROTUNDA

Um aspecto axial desta mística está consagrado no oratório dos cavaleiros, a Charola, cuja arquitectura tem origem na tipologia das igrejas de planta centralizada. Estes templos surgem quando Constantino torna o cristianismo a religião oficial do Império Romano. Nessa altura, os bispos do Império passam a ter dignidade de funcionários públicos e passam a celebrar culto em lugares públicos. Não tendo o cristianismo propriamente uma arquitectura particular para o culto, que, estabelecido em torno da Ceia mística – a Missa, – era realizado em casas particulares, em locais escondidos, ou nas catacumbas, por força das perseguições. Quando passa a ser realizado em público, os bispos escolhem para os seus cultos um edifício da vida cívica romana, cuja simbologia se coadunava, então, com o propósito de afirmação social e política do cristianismo, face às religiões antigas do Império. Este edifício era o tribunal romano, chamada a *Basílica*. A basílica era, portanto, o lugar onde o *basileus*, o rei da cidade, exercia o seu ofício de juiz. Da tipologia arquitectónica da basílica derivou a planta tradicional de desenvolvimento longitudinal, com uma nave principal e duas ou mais naves laterais, do culto da Igreja Romana. No entanto, o mesmo não acontece no Oriente, onde a sacralização dos locais celebrativos da vida de Cristo dará origem a uma arquitectura bastante diversa e diversificada daquela da basílica. É a mãe do imperador, Santa Helena, que na Palestina vai sacralizar, por ordem imperial os locais onde Cristo viveu. Esses locais que já existiam mais ou menos secretamente enquanto lugares de culto, vão passar a ter um estatuto de templos e, um deles, o primeiro, é o lugar de Santo Sepulcro (335). Constantino vai intervir no Santo Sepulcro criando uma pequena casa, uma *edícula*, para proteger o rochedo onde Cristo foi sepultado, cobrindo esta edícula de uma grande ábside circular com deambulatório para permitir a circulação de peregrinos. Este circular em torno do Santo Sepulcro vai dar origem a rituais processoriais, a danças ceremoniais em espaço circular, à volta de um lugar central, os quais rituais e cerimónias, seguindo o princípio cultural da Imitação (*mimesis*), se vão repercutir noutros lugares. É isso que vai dar origem às igrejas de planta centralizada, portanto, plantas em que há um ritual que pressupõe a circulação, a rotação. Tal movimento deu origem à expressão *charola*, a qual, no Renascimento, foi usada na língua portuguesa para designar as igrejas em rotunda.

